

VANESSA MORAIS BATISTA

**CARACTERIZAÇÃO DO ENTREPOSTO DE PESCA
DE ARACAJU**

ORIENTADOR:

Prof. M. Sc. Aracy Losano Fontes

**Aracaju
2006**

MORAIS, Vanessa
Vm_morais@hotmail.com

FONTES, Aracy Losano (Orientador)
Graduada em Geografia, Mestre em Geociências (Geomorfologia), Doutorado
em Geografia (Organização do Espaço), Prof. Do curso de Geografia:
Licenciatura Plena da Universidade Tiradentes- UNIT
Aracyfontes@yahoo.com.br

RESUMO

Pretende-se alcançar respostas para o não desenvolvimento da atividade pesqueira no Entreposto de Pesca de Aracaju, e suas perspectivas de crescimento, sendo que a mesma é uma atividade importante do ponto de vista econômico, social e cultural. Com a finalidade de atender os objetos propostos a pesquisa foi desenvolvida primeiramente por um levantamento bibliográfico e em seguida por um processo de investigação através de entrevistas, a fim de buscar conexões entre eles e verificar se podemos estabelecer um paradigma que possibilite o desenvolvimento ordenado do setor a partir da captura/criação até o consumo final/aceitação do pescado como fonte base de proteína.

PALAVRAS-CHAVE: Entreposto. pescado. captura.consumo.

1 INTRODUÇÃO

A atividade pesqueira é atualmente um dos setores econômicos que mais cresce no Brasil. É possível afirmar que a indústria brasileira da pesca está em um dos seus melhores momentos e, diferente do lugar praticamente irrelevante que ocupava na economia, hoje aparece como um dos setores mais promissores em razão da alta potencialidade do litoral brasileiro e dos viveiros que estão sendo construídos para a criação de camarão e peixes.

O nordeste brasileiro pode ser apontado como uma região importante e estratégica nesse tipo de atividade. No caso de Sergipe, em especial Aracaju, a realidade que se pretende estudar, é marcado pela ausência de um setor estruturado. O potencial do setor é pouco explorado, devido a falta de investimentos na melhoria da estrutura, que é praticamente artesanal, formada por frotas pequenas e não adequadas à pesca em larga escala.

O Entreposto de Pesca no mercado Tales Ferraz, onde se destaca a produção e comercialização do camarão, é responsável pelo recebimento, manipulação, frigorificação, produção e distribuição do pescado, e tem sido prejudicado devido à ausência de um setor estruturado, marcado por um trabalho artesanal e uma estrutura primária e incipiente, não atendendo às necessidades dos pescadores, proprietários de barcos e comerciantes.

Portanto, pretende-se alcançar respostas para o não desenvolvimento da atividade pesqueira no Entreposto de Pesca de Aracaju, e suas perspectivas de crescimento, sobretudo diante da realidade muitas vezes difícil vivida pelos pescadores, sem o apoio técnico e financeiro necessário.

Com a finalidade de atender os objetivos propostos, a pesquisa foi desenvolvida em etapas, que corresponderam a dois níveis de análise. Num primeiro momento, os estudos foram conduzidos para o levantamento bibliográfico relacionado com o tema e o objeto de

estudo. O instrumental metodológico da pesquisa empírica consta de um processo de investigação mediante a realização de 50 entrevistas semi-estruturadas, consideradas como uma das técnicas em que ocorre uma relação de comunicação equilibrada entre a visão ênica do pesquisado e a visão ética do pesquisador.

Este artigo é composto por duas partes. Na primeira trata da Fundamentação Teórica que irá descrever a parte histórica da pesca, juntamente com seu desenvolvimento no mundo, Brasil e Sergipe. A segunda parte trata-se da caracterização do Entreposto de Pesca em Aracaju.

2 ATIVIDADE PESQUEIRA

A pesca constitui uma atividade econômica praticada pelos povos mais diversos, desde os mais primitivos até os de mais adiantada civilização. O homem pré-histórico tinha na pesca um dos meios principais de conseguir alimentos. Em alguns casos, parece ter mesmo abandonado a vida nômade, para se estabelecer em regiões em que existia muito pescado. Entre os povos primitivos, os instrumentos utilizados eram lança, arpão, rede, anzóis rústicos e mesmo a mão ou com o auxílio de aves amestradas.

A vida primitiva desses povos, que ainda têm na pesca sua principal atividade, começa a ser modificada com a chegada, à região, dos civilizados, que, com suas bases militares, campos de pouso para aviões que fazem linhas transoceânicas e instalações portuárias, estabelecem campos de cultura, instalações de mineração etc, recrutando a mão-de-obra local e quebrando as tradições e os costumes dominantes.

O papel da pesca está mudando, rapidamente, em muitos dos países mais adiantados. Há um ou dois séculos, nas águas internas e costeiras, havia pesca para alimentação por pessoas que fora isso se dedicavam à agricultura. A produção de peixes era

um suplemento à produção da terra e grande parte dela era consumida pela família do pescador ou vendida fresca na comunidade vizinha. Tais práticas continuam atualmente em muitos dos países menos desenvolvidos do mundo.

A pesca pode ser realizada tanto no mar como nos rios, mas a praticada no mar possui maior importância, em virtude das espécies de alto valor comercial que têm no mar o seu habitat natural.

Calcula-se que existiam no mundo, alguns milhões de homens, cuja única profissão é a pesca em alto-mar, sem contar os outros milhões dedicados à industrialização do produto, à sua venda e à construção e manutenção dos barcos pesqueiros. As quantidades de proteínas e gorduras animais proporcionadas à humanidade por tais atividades são realmente consideráveis.

As regiões de pesca mais intensas do globo estão localizadas no Atlântico Norte, Oceano Glacial Ártico e mares vizinhos, no Pacífico Ocidental e no Meridional. (ANDRADE, 1989, p. 176).

Há vários tipos de pesca, desde a artesanal até a pesca industrial. Países como o Canadá, o Japão, a Noruega, têm na pesca uma grande fonte de divisas permitindo aumentar com isto a economia do país, assim como melhorar o poder aquisitivo do povo, contribuindo para elevar o número de empregos, beneficiando desta forma uma grande parte da população.

A partir da Revolução Industrial, a pesca teve um impulso maior, uma vez que se passou a carrear mais recursos para o setor. Esta maior injeção de recursos de pesca, mais especificamente na Europa, deveu-se à necessidade de conquistas de áreas mais distantes. Com a motorização dos barcos permitiu-se ir mais longe e utilizar os arrastões de forma mais constante.

A produção de pescado nos vários países do mundo, no período de 1929-1985, não está restrita às águas territoriais dos países produtores, pois grande parte da pesca é feita em

águas internacionais, mas à produção do país que apresa o peixe e o beneficia, consumindo parte e exportando para outros países. (ANTUNES, 1985, p. 101).

Alguns países que não tinham uma tradição como produtores de peixe tiveram um crescimento rápido (Peru, República Popular da China, Espanha e Índia), enquanto outros que já eram grandes produtores tiveram um crescimento moderado num período de 40 anos (Japão, Noruega, Estados Unidos, Dinamarca).

Na Inglaterra, a pesca industrial se desenvolveu enquanto que a pequena pesca entrou em colapso. Os tripulantes destas pequenas embarcações passaram a ser reserva de mão-de-obra para os barcos grandes. Esta reserva de mão-de-obra também foi causada pela mecanização da agricultura, o que ocasionou a expulsão dos agricultores de suas terras, sendo que estes iam se refugiar na pesca. (ANDRADE, 1981, p. 177).

Apesar da existência da pesca empresarial-capitalista, a atividade da pequena pesca em base familiar constitui grande importância, explorando variados recursos marinhos, principalmente em locais onde a exploração não pode ser feita em larga escala devido às condições do relevo. Somado a isto está a experiência dos pequenos pescadores que possuem um vasto conhecimento das áreas que atuam.

Um dos fatores que contribuíram para a não degradação da pequena pesca na Escandinávia foi o fato dos pescadores estarem organizados em cooperativas e terem forçado o estado a estabelecer leis que permitissem a entrada apenas de armadores-pescadores na pesca. Os cooperativados também conseguiram do estado financiamento para a compra de equipamentos, a juros baixos. (ANDRADE, 1989, p. 178).

Na Noruega, a pesca artesanal também se organizou e conseguiu sobreviver frente aos capitalistas e ao programa de modernização iniciado pelo governo, dando incentivo às empresas que tivessem interesse em promover a pesca de longo curso. Este programa fracassou por falta de mão-de-obra, já que os pescadores artesanais, mesmo com a certeza de ganhos mais

elevados, não aceitaram embarcar nos grandes barcos. Esta recusa se deveu ao fato de que, na década de 30, a grande maioria dos pescadores artesanais eram também agricultores, vivendo numa economia de subsistência e com fracas ligações com a economia de mercado. (COSTA, 1977, p. 97).

Esta não proletarização dos pequenos pescadores noruegueses é conseqüência de não terem perdido o vínculo com a sua terra de trabalho. Tal fato ocorreu na Inglaterra:

O mesmo não teria ocorrido no grande porto inglês de Hull onde os pescadores (expulsos de suas terras litorâneas), morando em verdadeiros barracos nas cidades, não tinham outras alternativas de trabalho senão engajar-se como tripulantes de pesca oceânica, transformando-se em proletários (DIEGUES, 1983, p. 36).

Já o Japão, no começo do século, ocupava posição de destaque na produção mundial do pescado. Os 70% dessa produção japonesa provinham da pequena pesca e eram mantidos em bases familiares. Esta pesca era realizada em pequenas embarcações motorizadas, nas águas costeiras. (ANDRADE, 1989, p. 179).

A sobrepesca, os impostos pagos a outros países, além da falta de mão-de-obra, ocasionaram a primeira grande crise da indústria pesqueira japonesa, por volta dos anos 1960. Esta crise foi superada em 1966 pelo aumento do volume de captura de pescado bem como das inovações técnicas utilizadas que proporcionaram uma melhoria da situação crítica em que se encontrava o setor industrial. Tecnologicamente, o Japão é o mais adiantado país pesqueiro e o 2º pescador mundial, chegando às vezes a importar o pescado, já que este é um dos pratos típicos e cotidianos no seu regime alimentar. (ANDRADE, 1989, p. 179).

A pesca industrial, por sua vez, necessita de vastas áreas para exploração e países que possuem capitais e tecnologia para investir no setor pesqueiro, prega o livre acesso ao mar. Este livre acesso só traria prejuízos aos países subdesenvolvidos uma vez que não teriam

condições econômicas e técnicas para explorar o mar. Assim, todo o mar, “espaço comum”, estaria à disposição apenas de alguns.

Essa industrialização no setor só tem trazido vantagens ao capital estrangeiro, tendo em vista que, como afirma Diegues (1983, p.70)

As condições de vida dos pescadores industriais, segundo vários estudos, são miseráveis. Em Chimbote, um dos principais portos do país, segundo dados oficiais (1965), 10% dos pescadores estavam atacados por tuberculose em estado avançado. Sem dúvida, o colapso parcial da indústria pesqueira, no início da década de 70, pela exploração irracional dos recursos pesqueiros, não poupou a classe dos trabalhadores do mar, igualmente explorada.

2.1 O Desenvolvimento da pesca no Brasil

O Brasil possui um litoral com quase 9000 km de extensão, com uma plataforma continental bastante variável e propícia, em vários trechos, ao aproveitamento do pescado. Mas, apesar disso, extrai de suas águas territoriais apenas 1% da sua alimentação, enquanto a média mundial é de 4%. (LUCCI, 1979, p. 107).

A produção brasileira de pescado atingiu em 1984 cerca de 875.400t. Desta produção, 85, 8% são de origem marinha e apenas 14,2% de água doce. Os nossos rios só contribuem com pouco mais de um quinto do pescado produzido no país. Na distribuição geográfica dos estados, destaca-se o Rio de Janeiro, o Rio Grande do Sul, seguido de São Paulo, de Santa Catarina e do Maranhão. (LUCCI, 1979, p. 108).

A população brasileira, que possui em média uma carência de 10g de proteína *per capita*, teria assim uma fonte bastante acessível e de baixo custo para suprir este déficit, e o Governo, além de valorizar o seu potencial marinho, economizaria divisas com a criação de um mercado regional, pois a título de exemplo podemos dizer que o Nordeste importa em média 20

mil ton. de bacalhau para suprir as necessidades protéicas de sua população. (LUCCI, 1979, p. 109).

Em 1961, a criação do Conselho de Desenvolvimento da Pesca (CODEPE) que realizou a análise da pesca brasileira, tinha como meta prioritária a industrialização da pesca em todo o litoral brasileiro.

Em 1962, é substituída pela Superintendência do Desenvolvimento da Pesca (SUDEPE), que passa a assumir o comando da pesca brasileira, persistindo na tentativa de desenvolvimento do setor industrial pesqueiro, com o fim de planejar essa atividade e prestar assistência técnica e financeira aos empreendimentos pesqueiros.

Até então a pesca artesanal, movidas em grande parte a remo, a vela e um pequeno número a motor, não era levada em consideração pelos planos governamentais. Toda ênfase era dada ao setor industrial, sendo que o setor artesanal equivocadamente considerando marginal ao processo de desenvolvimento e fadado a desaparecer com o avanço da industrialização. Muito embora houvesse uma política de incentivos voltada para o setor industrial pesqueiro, o setor artesanal continuava com grande participação na produção nacional.

Foi criado o Plano de Assistência à Pesca Artesanal (PESCART), que apesar de não ter surtido os efeitos esperados junto às comunidades pesqueiras do litoral brasileiro, foi de primordial importância para o início de interesse do governo em relação à pesca artesanal. No que concerne aos seus objetivos e prioridades o PESCART se propunha a intervir de forma vigorosa para alterar de modo satisfatório a precária situação da pesca artesanal brasileira. (TIMM, 1990, p. 32).

Esta investida governamental, na tentativa de desenvolver a pesca artesanal, (pelo preconceito que se continuou a manter com relação a essa atividade pesqueira) fez com que este plano não viesse a atender, principalmente, às necessidades dos pescadores referentes a infraestrutura e ao apoio creditício.

A crise institucional se faz notar em decorrência de atualmente não haver por parte do governo maior apoio creditício. Anteriormente, este apoio existia quando o setor dispunha de um Banco Governamental (A Caixa de Crédito da Pesca) e quando a SUDEPE, ainda atuava. Com a extinção da mesma em 1981, os dados estatísticos da pesca nacional deixaram de existir e, assim, estas informações passaram a ser meras suposições ou inferências sem bases numéricas confiáveis.

Atualmente é o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) o órgão oficial que assumiu a competência da SUDEPE.

Este órgão tem dirigido suas atividades quase que exclusivamente para a adoção de medidas restritivas à atividade da pesca bem como à fiscalização. Existem variados tipos de pesca e diferentes tipos de pescador. É importante o conhecimento destas diferenciações, tanto para o planejamento, como para aplicação de medidas destinadas à pesca e que atingem mais de perto o pescador.

Outro ponto que contribuiu para a desativação de vários projetos de pesquisa pesqueira é a falta de recursos, o que leva a um desconhecimento da área piscícola do país.

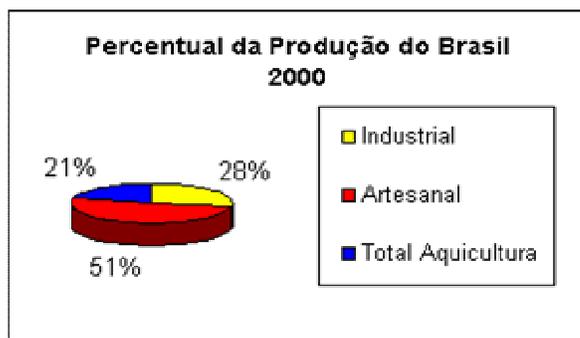
Além disto, os pescadores brasileiros estão em desvantagem com relação aos estrangeiros, por pagarem um combustível três vezes mais caro que estes, além de muitos não possuírem equipamento adequado. (TIMM, 1983, p. 36).

O desenvolvimento da pesca poderia trazer ao país uma nova fonte de divisas, com a exportação de lagostas e camarões, e uma importante fonte de alimentos para a população poupando, até certo ponto, o seu rebanho bovino e suíno, ampliando o consumo de proteínas animais na faixa de pessoas de níveis de vida mais baixos.

Possuindo uma costa bastante rica em pescado e camarões nas costas do Amapá, Pará e Maranhão, lagostas no nordeste e cardumes de corvinas, merluzas, sardinhas nas costas gaúcha e

catarinense, pode o Brasil desenvolver consideravelmente a sua produção e consumo de peixes e crustáceos, e procurar concorrer no mercado internacional.

Como mostra o gráfico abaixo, o percentual da pesca artesanal no Brasil é de 51%, e industrial 28%. Tem crescido bastante a nossa exportação pesqueira, assim como a frota industrial de pesca e centenas de barcos que, visando também à exportação, vêm sendo construídos em estaleiros nacionais. Acredita-se que a pesca acabará sendo uma das grandes fontes de divisas para o Brasil. Estudam-se meios de aumentar o consumo interno do pescado e dos frutos do mar, em geral.



A produção pesqueira em Sergipe é oriunda da pesca artesanal. A produção estadual de pescado nos anos de 1990/91/92 somou um total de 4.531,4 toneladas, entre peixes e camarões. Os pescadores do estado pescam no mar, em águas estuarinas, nos rios e riachos. (DINIZ, 1991, p. 17). As duas categorias de pesca consideradas são a marítima e estuarina.

A pesca marítima é exercida por uma frota de 166 embarcações. Oito delas capturam pescados com linhas e rede. As 158 outras são dedicadas à pesca de camarões.

A pesca estuarina compõe-se de uma frota de 1.361 unidades (eram 1393 em 2000), dividida entre canoas a remo ou vela, e uma parcela motorizada. Com o aumento do pescado,

houve a necessidade de um número maior de barcos a motor. As pescarias são diárias e dependem das marés.

Segundo estimativas em 1992 do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais (IBAMA), 50% dos pescadores sergipanos praticam a pesca estuarina, 21,4% em águas interiores, mais especificamente no Rio São Francisco, 18,5% praticam outros tipos de pesca e os 10% restantes estavam dedicados à marítima, utilizando-se tanto de redes de arrasto para a pesca do camarão (5,7%), quanto de linhas para a pesca de peixes diversos (4,3%).

3 O Entreposto de Pesca de Aracaju

O Entreposto de Pesca de Aracaju, fundado na década de 80, pertencente ao IBAMA, sendo mantido e administrado pela Companhia de Desenvolvimento da Pesca (CONDEPI). Foi criado sem fins lucrativos, com o objetivo de ajudar aos pescadores, sendo responsável pelo embarque, desembarque, recebimento, manipulação, frigorificação, produção e distribuição do pescado. Essas atribuições são devido à ausência de incentivos do governo e sua estrutura primária e incipiente, não atendendo às necessidades de quem trabalha no local.

O Entreposto é uma associação formada por pescadores e proprietários de barcos. Apesar de ambos formarem a associação, os pescadores, em sua maioria, somente prestam serviços aos proprietários de barcos, que são responsáveis pela sua formação e funcionamento. As mulheres também fazem parte da associação, são autônomas e tem como única função limpar os camarões.

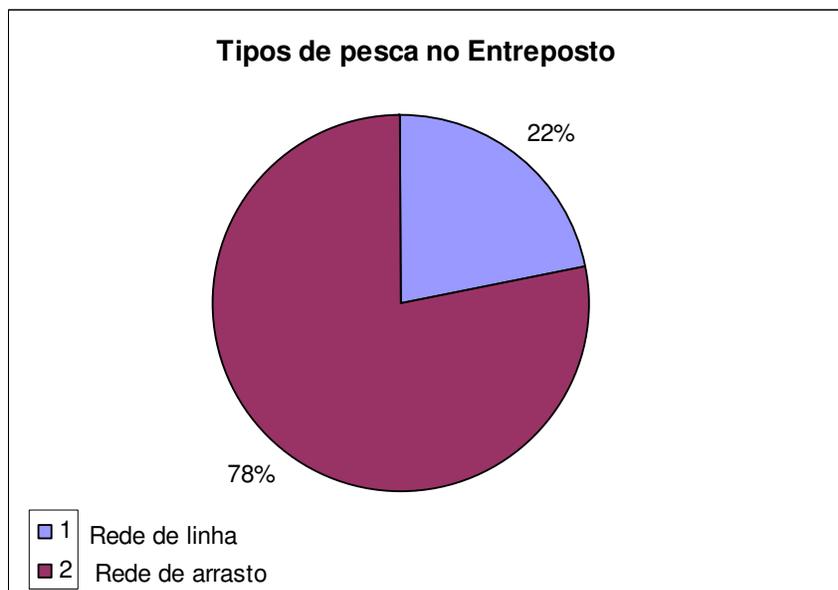
Essa independência dos pescadores junto à associação deve-se ao fato da mesma não ser uma empresa com vínculo empregatício e a falta de incentivos financeiros dos órgãos

públicos responsáveis pelo setor, como: Ministério da Educação, na formação profissional, Embrapa na pesquisa, Sebrae no treinamento e inovações tecnológicas, Ministério da Agricultura no controle de qualidade, Ministério do Comércio Exterior buscando novos mercados e promovendo feiras internacionais, Bancos Públicos na avaliação e assistência financeira, sindicatos e associações na motivação e organização de produtores. Todos os programas devem ter um único foco: melhoria do produto nacional como base do enriquecimento do setor.

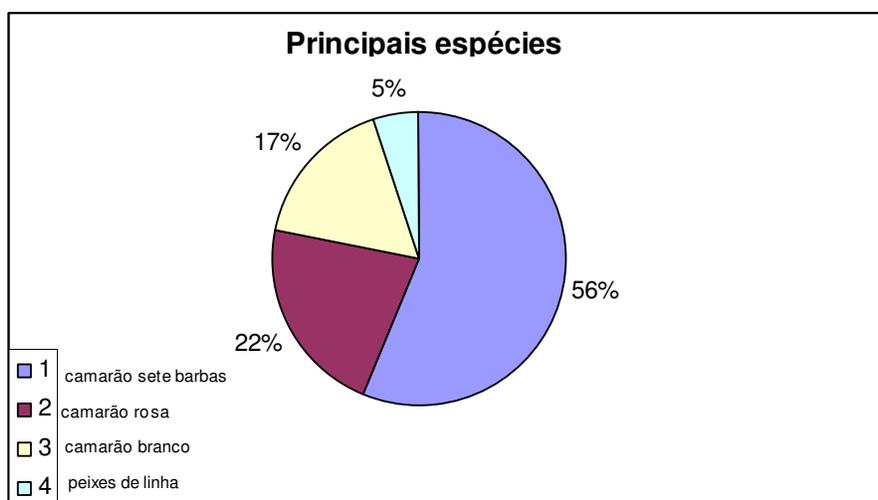
3.1A Infra-estrutura do Entrepasto de Pesca

Os principais problemas da infra-estrutura do Entrepasto de Pesca em Aracaju são: a inexistência de cursos preparatórios impossibilitando a diversidade da pesca, a precária estrutura de conservação do pescado a bordo, a comercialização, condições de trabalho, o papel que a mulher e a criança exercem e a aplicação de linhas de crédito no setor.

De acordo com as entrevistas realizadas no Entrepasto de Pesca de Aracaju, a pesca praticada é a de rede de arrasto, com 78%, que é feita com barcos a motor, destinada à captura de camarão. Uma pequena parcela de 22% dedica-se a pesca de rede de linha, com a produção de peixes das mais variadas espécies. De acordo com o gráfico abaixo a principal espécie capturada é o camarão sete-barbas com 56%, seguido do camarão rosa com 22% e camarão branco (pistola) com 17%, os peixes de linha representam apenas 5%. Devido a falta de incentivos do governo e órgãos públicos, os pescadores não dispõem de uma formação adequada, dada a inexistência de cursos preparatórios em outros tipos de pesca, permanecendo na pesca de arrasto. Algumas vezes essa deficiência obriga o retorno desses pescadores à terra, devido a precária estrutura para a conservação do pescado a bordo.



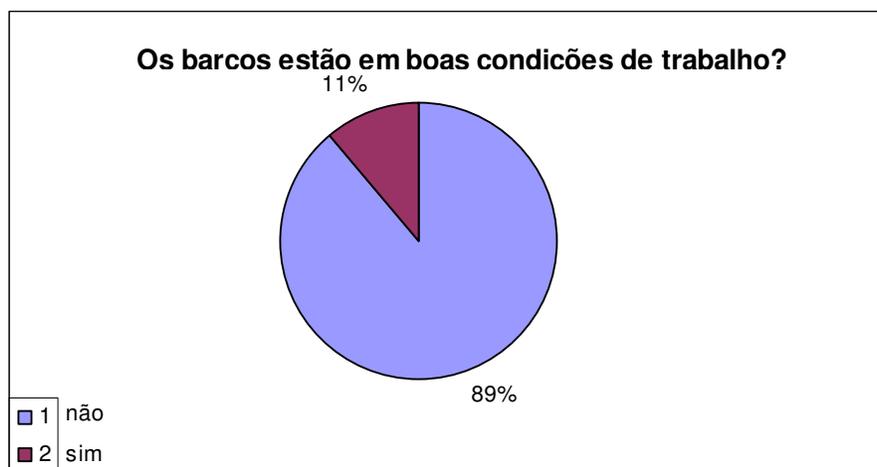
Fonte: consulta realizada no entreposto de pesca
Data: 03/2006



Fonte: consulta realizada no entreposto de pesca
Data: 03/2006

Na zona costeira a pesca é realizada da Foz do Rio São Francisco à Foz do Rio Real, especialmente nas áreas adjacentes às Barras de São Cristóvão e praias de Lagoa Redonda e Abais. Os barcos passam somente de 6 a 8 dias no mar, devido a precária conservação da produção a bordo, onde é usado o gelo, quando deveria possuir uma câmara frigorífica nas embarcações, o que possibilitaria um período mais longo em alto mar, e com

isso proporcionaria uma quantidade maior de pescado e qualidade sanitária do produto oferecido ao mercado. Dos 50 entrevistados 1% alegaram as precárias condições de trabalho.



Fonte: consulta realizada no entreposto de pesca
Data: 03/2006

3.2 Comercialização do Pescado

Em Aracaju, o pescado é vendido, sobretudo para os estados da Bahia, Pernambuco, Alagoas e, na capital do estado, no Mercado Central, restaurantes e hotéis.

O atravessador é a pessoa que compra todo o pescado e realiza a comercialização, com um valor muitas vezes injusto, tornando-se o que mais lucra com essa atividade.

A venda de pescado e produtos frescos vem diminuindo, pois boa parte da população não “confia” no pescado oferecido pelo mercado varejista, que por não possuir câmaras frigoríficas é de fácil deterioração. A diversidade de oferta é maior com produtos congelados, e os consumidores apreciam sua facilidade de conservação.

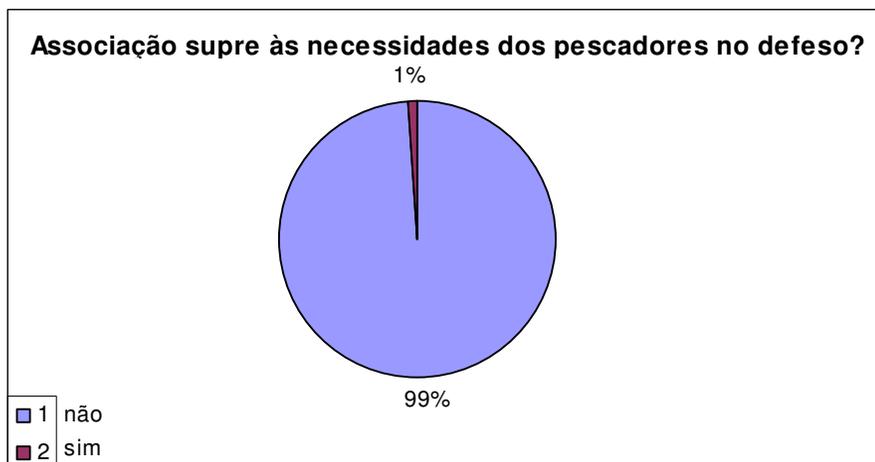
Se a associação tivesse o apoio do governo, seria fiscalizada pelo Serviço de Inspeção e Saúde (SIF) controlado pela Secretaria Estadual da Saúde, que ofereceria uma melhor garantia do produto, pois, trata de alimentos, necessitando de cuidado especial. O local

onde é tratado o pescado precisa está limpo, azulejado, as pessoas teriam que usar roupas apropriadas e toucas descartáveis. Com isso teria um produto de melhor qualidade e um controle dos preços, ampliando seu comércio.

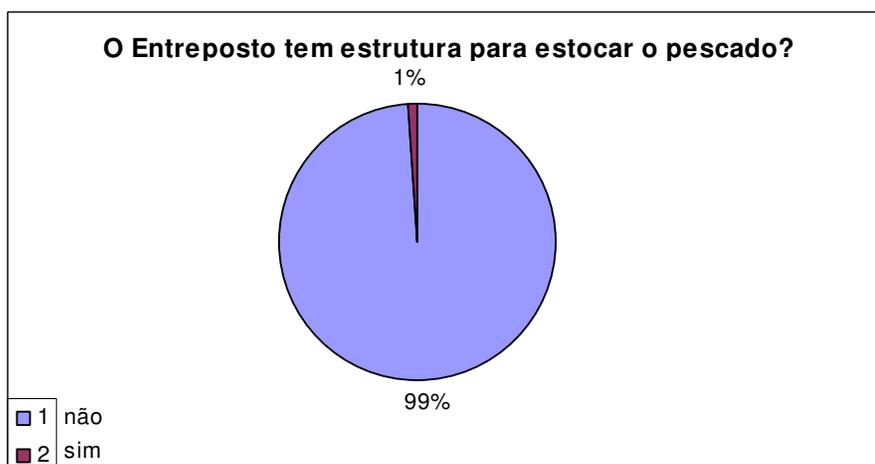
3.3 As condições de trabalho dos pescadores e proprietários de barcos no período de defeso

O pescador trabalha em parceria com o proprietário do barco, e o lucro para ambos é muito variável, dependendo da produção do período. Ele não possui carteira de trabalho com suas vantagens como, seguro desemprego; fundo de garantia; e similares, somente a carteira marítima por fazer parte da colônia de pescadores, garantindo sua aposentadoria e um salário mínimo somente no período de defeso. Esse período dura aproximadamente 45 dias, quando a pesca fica suspensa para reprodução. É uma interferência feita pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais (IBAMA), para evitar a extinção do pescado.

Para o proprietário de barco a época do defeso é economicamente prejudicial, pois não há nenhum subsídio garantido pelo governo durante esse período para garantir o seu sustento e de sua família. Seria necessário investimentos na implantação de recursos para a estocagem e conservação do produto capturado no período de abundância (75 dias após o defeso), com o objetivo de garantir a comercialização do pescado no período de defeso. De acordo com 99% dos entrevistados a associação e o Entreposto não tem estrutura para estocar o pescado e comercializar no período em que é proibida a atividade pesqueira.



Fonte: consulta realizada no entreposto de pesca
Data: 03/2006



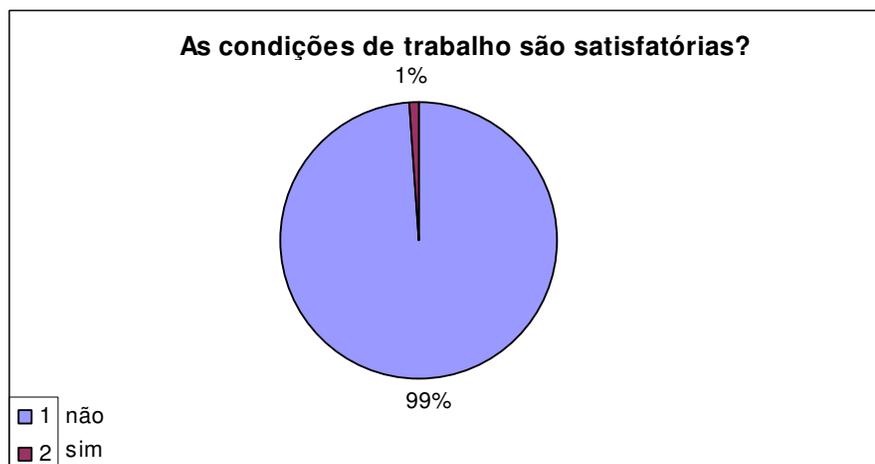
Fonte: consulta realizada no entreposto de pesca
Data: 05/2006

Dentre os que passam a se dedicar cotidianamente à atividade pesqueira está o grupo das mulheres que, envolvidas nesse processo de reprodução de capital, são discriminadas na condição de trabalhadoras, não sendo garantidos também os seus direitos trabalhistas.

O trabalho da mulher sempre foi e continua a ser ignorado. Não há nenhuma ação do governo que se dirija à mão-de-obra feminina no setor pesqueiro, apesar de reconhecida sua participação no processamento e comercialização do pescado.

A limpa do camarão é uma atividade que não requer técnicas sofisticadas, por isso pode ser praticada por qualquer pessoa, seja adulta ou não. Assim sendo é coerente afirmar-se que o grupo feminino, desde criança, já começa a limpar camarão e, quando há possibilidade, fazem este trabalho durante vários anos.

As catadoras de camarão são cadastradas na colônia dos pescadores como pescadoras artesanais e recebem, no período de defeso (45 dias), um salário mínimo. Essa atividade é considerada pelas limpadeiras do Entreposto de Aracaju com 99%, como pouco vantajosa e pouco rentável.



Fonte: consulta realizada no entreposto de pesca
Data: 05/2006

Finalmente, o “grande vilão” da pesca no Entreposto de Aracaju é o óleo diesel (combustível das embarcações). Cerca de 60 a 70% do lucro do proprietário de barco é direcionado para sua compra. Seriam necessários linhas de crédito subsidiário com o objetivo de diminuir os custos com óleo diesel, e também com novas técnicas e equipamentos para facilitar a produção.

CONSIDERAÇÕES

A atividade pesqueira é atualmente um dos setores econômicos que mais cresce no Brasil, pois é um dos setores mais promissores em razão da alta potencialidade do litoral. O estudo dessa atividade é além de curioso oportuno no momento, pois o pescado não representa, como poderia, um percentual maior na alimentação nacional.

O que pretendemos é mostrar os principais problemas, buscar conexões entre eles e verificar se podemos estabelecer um paradigma que possibilite o desenvolvimento ordenado do setor, a partir da caracterização do citado Entreposto de Pesca de Aracaju.

O resultado previsível será um setor pesqueiro forte e sustentável, com um conjunto social formado por pescadores especializados e uma comunidade voltada profissionalmente para a atividade, fator cultural da conservação adequada dos recursos e a perseguida perpetuação da atividade para o bem dos grupos sociais que dela vivem, que dela fazem uso e que dela desfrutam.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia Econômica**. 10. ed. São Paulo, Atlas, 1989.

ANTUNES, Celso. **Curso de Geografia do Brasil**. São Paulo, 1985.

COSTA, Hamilton Cavalcanti. **Pesca Artesanal: um enfoque histórico**. Caderno Ômega. UFRPE. Recife, dezembro, 1977.

DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. **Pescadores Camponeses e Trabalhadores do Mar**, Ensaios, Ática, São Paulo, 1983.

DINIZ, Diana Maria de Faro Leal; DANTAS, Beatriz Góis; SANTOS, Lenalda Andrade et al. **Textos para a história de Sergipe**. Aracaju, UFS/ BANESE, 1991.

LUCCI, Elian Alabi. **Geografia Econômica: geografia do desenvolvimento econômico mundial e do Brasil**. 7. ed. Atualizada. São Paulo: Saraiva, 1979.

NEIVA, Getúlio de Souza. **Informe sobre a pesca artesanal brasileira**, III Seminário Latino-Americano de Pesca Artesanal. Caxias do Sul, 1993. (texto datilografado).

TIMM, José Ubirajara. **Plano de assistência à pesca artesanal no Brasil: Pescart – A experiência de crédito educativo**. Brasília, 1990.

TIMM, José Ubirajara. **A Crise de Pesca Brasileira**. Brasília, 1993.

APÊNDICE

Entrepasto de pesca de Aracaju



Fonte: Vanessa Moraes (Fotografia)

Data: Maio / 2006

Catadoras de Camarão



Fonte: Vanessa Moraes (Fotografia)

Data: Maio / 2006

Rede de Arrasto



Fonte: Vanessa Moraes (Fotografia)

Data: Maio / 2006

Conservação do pescado a bordo



Fonte: Vanessa Moraes (Fotografia)

Data: Maio / 2006

Óleo Diesel



Fonte: Vanessa Moraes (Fotografia)

Data: Maio / 2006

Local para armazenar o pescado



Fonte: Vanessa Moraes (Fotografia)

Data: Maio / 2006